o que se espera de um psicanalista, hoje?

MAURO MENDES DIAS

VOU PARTIR do princípio de que o título de nosso encontro permite indicar a questão das psicoses como o elemento que situa, hoje, um conjunto de questões próprias sobre o que se espera de um psicanalista.

A psicose, sob a forma da paranóia, está colocada em nosso começo. Jacques Lacan foi levado a Freud através de sua Aimée. Sigmund Freud foi conduzido à psicanálise através do delírio de Wilhelm Fliess, e das histéricas.

Se a paranóia permitiu o acesso à psicanálise, é porque houve alguém que se dispôs a escutá-la, e não somente confirmá-la num diagnóstico. Incluindo nesse gesto o reconhecimento da verdade expressa no texto do delírio, reconhecimento para o qual o próprio sujeito mantém-se exilado.

Quando percorremos o mundo que Daniel Paul Schreber nos descreve, encontramo-lo povoado pela ligação entre os nervos. Excluído das trocas que o discurso permite, ele comunica-se com um Deus encerrado no centro nervoso. Feminizado num tipo de ligação em que a barreira do velamento deixou de constar como possibilidade. "Deus não sabe nada dos mortais",[1] repete Schreber com insistência.

Retomar o que se espera de um psicanalista, hoje, pelas psicoses, implica admitir que o Deus de Schreber realiza uma operação que prescinde do sujeito, em benefício dos nervos do seu cérebro. Sendo assim, evocar Schreber como sujeito é afirmar uma direção na qual não é o cérebro que regula, não são as conexões sinápticas, não são as estimulações eletro-químicas que decidirão pelo que importa destacar. No texto desse delírio, encontramos, antecipado por nossa leitura, o que viria a constituir-se, pelo lado da ciência, como fator de determinação de sua presença no mundo — o privilégio dado ao corpo biológico — , determinação que nos alerta a retomar a psicose como uma interrogação que nos inquieta, tanto mais se pretende eliminá-la das classificações psiquiátricas, anulando sua verdade.

Falar de psicose, hoje, para um psicanalista, decide por uma posição que não compartilha do silenciamento que as ciências do cérebro vêm imprimindo à tradição da clínica psiquiátrica, da qual a psicanálise é tributária. Mais além, retomar a questão das psicoses confere um reconhecimento ao delírio

[1] SCHREBER. *Memórias de um doente dos nervos*, p.48.

paranóico como o lugar onde é composto um texto que nos concerne. O tipo de implicação que se estiver disposto a assumir decidirá pela forma segundo a qual cada um lida com o estranho.

Pois não é à toa que "em nossa tradição construímos muros para os reclusos".[2] Não nos basta localizar o estranho no exterior. "Essa necessidade contém o desejo não sabido de construir um interior para o que está aberto aos quatro ventos".[3]

O que se espera de um psicanalista, hoje, é que cultive as condições, pela psicanálise, de não excluir o que o psicótico revela como estranho, posto que a estranheza que o psicótico promove é de uma ordem distinta daquela que é contígua ao familiar. Trata-se, aí, de um real para o qual o sujeito está para sempre excluído de poder abordar, de maneira a lhe permitir elaboração. Sendo assim, ao não compartilhar o voto de exclusão, a psicanálise reafirma-se contrária à segregação, o que permite admitir o advento de uma posição política como efeito da ética que se mantém na clínica com o sujeito psicótico.

O agenciamento do sujeito pelos nervos do cérebro, tal como encontra-se no delírio de Schreber, atinge, com rapidez, um termo conclusivo — sua transformação em mulher, com a finalidade de engendrar uma nova raça de seres humanos. Diferentemente de alguns estudiosos, que reconheceram no delírio de Schreber a antecipação da política de Hitler em relação à pureza da raça ariana, importa-me destacar o estatuto da mulher, ou seja: o que significa ser a mulher de Deus na psicose? Praticar, sem consentimento, várias cópulas ao dia, responde Schreber. Embelezar-se com adereços femininos e poder sentir, de forma definitiva, a coexistência da genitália feminina em seu corpo masculino, continua ele. Que mulher é essa de quem ele nos fala? Trata-se de alguém que, à medida que as relações com Deus são acentuadas, vai sofrendo a extirpação dos próprios órgãos, ao lado da geração de outros — enfim, alguém que se reconhece como mulher, na conjunção dos desígnios divinos, com o eviscerar do próprio corpo.

O que se espera de um psicanalista, hoje, é que esteja em condições de abordar a diferença sexual naquilo em que, pela psicanálise, constitui seu fundamento — o não saber. Dessa maneira, estará alertado em sua prática clínica, quanto à condição de alguns sujeitos que se oferecem a intervenções cirúrgicas, estéticas principalmente, aonde vão buscar um além da imagem. É como se o impossível de haver um universal feminino cobrasse o preço da retaliação do corpo próprio, para aqueles que tentam negar seu limite. Ponto no qual se localiza um gozo de transformar-se nA mulher, a partir da entrega aos

[2] Rabinovitch. *A foraclusão: presos do lado de fora*, p.8-9.

[3] Rabinovitch. *A foraclusão: presos do lado de fora*, p.8-9.

caprichos de um Deus capaz de fazer agir os cortes mais profundos, ao lado das ablações tornadas inócuas.

A transformação em mulher é sinônima da subsunção a um Outro sacrificial, que imprime ao sujeito sua exclusão da diferença sexual. Uma mulher não fará referência a um homem. Um homem não encontrará em uma mulher seu enigma. Daí que nas práticas de inseminação artificial, hoje, muitos médicos façam referência ao sêmen como "o material", a ser adquirido no laboratório.

Há uma solidariedade do homem moderno com a alienação da loucura. "Nascimento e morte são dessubjetivados",[4] lembra-nos Philippe Julien. Em um e em outro caso, "o sujeito é falado mais do que fala".[5] A partir de então, uma função reativa é promovida: "um pluralismo proclamado mascara a exclusão regida pelas normas do gueto: cada um em seu lugar".[6]

[4] Julien. *A paranóia comum*, p.18.

[5] Julien. *A paranóia comum*, p.18.

[6] Julien. *A paranóia comum*, p.18.

O apelo à autonomia não se mantém mais como uma questão isolada. Os turismos exóticos e a aquisição de *gadgets*, numa cultura que promove cada vez mais o imediatismo pelas drogas, compõem o cenário em que se anuncia a conquista do objeto, notadamente escópico.

O que se espera de um psicanalista, hoje, é que possa reconhecer, na exuberância da fascinação, o nascimento de uma demanda de análise. Nesse sentido, a fratura do olhar, tal como se encontra pela anamorfose, ilustrada na capa do *Seminário XI*, de Jacques Lacan, introduz-se como uma divisão desde onde as insígnias das cortes poderão ser alteradas. E não é à base de uma disciplina dos corpos e dos saberes que se pode advir nesse lugar. Mas, sim, apostando que a psicanálise seja elevada à sua dignidade de origem — a de uma experiência, antes da condição de tratamento.

O que se espera de um psicanalista, hoje, é que possa assumir uma posição decisiva, "contra a inclusão da psicanálise no campo das psicoterapias".

Em sua autobiografia, uma constatação recolhe-se entre as linhas. Schreber não faz menção à amizade. Firmado no lugar de única testemunha, ele lega à posteridade a tarefa de reconhecer uma certeza da qual seu Deus lhe outorga soberania. Com a potência do convicto, sua fala não vacila. Seu saber, tornado hegemônico, aguarda apenas pelo momento da conversão dos incrédulos. Por isso mesmo, não é a força da persuasão nem a potência de uma ironia culta que devem ser aplicadas à enfatuação e ao cansaço que recolhemos das bocas daqueles que freqüentam nossas comunidades. Mas que o despertar encontre, pela contingência, um dizer que atualize sua marca transmissiva.

O que se espera de um psicanalista, hoje, é que sustente seu percurso, desembaraçando-se da vocação ao ressentido, onde Nietszche indicou a habitação do reacionário. Ao mesmo tempo, que sua experiência com a psicanálise não necessite ficar guardada no silêncio sepulcral, desde onde excita os olhares dos invejosos, para promover o nome próprio como mercadoria de cobiça. Que testemunhe, então, junto a seu público, com os dispositivos que lhes são comuns, de forma a não restar, como única alternativa, a empáfia dos convencidos. Na mesma direção, que sua comunidade lhe permita não realizar sua garantia, apoiando-se na degradação dos pares — quem, na maior parte das vezes, desconhece. Degradação que sustenta a superposição do psicanalista com sua pessoa.

O que se espera de um psicanalista, hoje, é que cultive condições para atravessar a paranóia que lhe é constitutiva. Que a palavra dos apátridas, dos loucos e dos excluídos possa lhe orientar aos traços que dão origem à sua condição de falante. Já não mais com o objetivo de conquistar uma estrutura segundo leis antecipadas, mas com a disposição que orienta sua clínica de enodar, em cada caso, as condições de possibilidade para montagem de nós diferenciados.

O que se espera de um psicanalista, hoje, é que possa revirar o sentido em jogo do que dele se espera, contemplando a expectativa de uma resposta de quem se dirige a ele, no que reitera a ética de sua função, através do assentimento à psicanálise presente em sua autorização. Nessa direção, poderá acolher os momentos de despedida, decididos pelos sujeitos que com ele aventuram-se. Sem deixar de evocar, pelo meio dizer que habita alíngua, que o irreconciliável é o outro nome da singularidade que cultiva.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. *Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiograficamente.* Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. XII.

JULIEN, Philippe. *A paranóia comum.* Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 3* – as psicoses. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques. *A terceira*, 1975. (Tradução interna da Biblioteca Freudiana).

RABINOVITCH, Solal. *A foraclusão: presos do lado de fora.* Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos.* Trad. Marilene Carone. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

resumo

O presente artigo pretende responder à questão: o que se espera do psicanalista hoje, considerando o ponto de vista psicanalítico da psicose. Seguindo as *Memórias...* de Schereber, é destacada a necessidade de localizar a paranóia como o elemento central no processo da formação do psicanalista. Além disso, reintroduz a questão da loucura do homem moderno, tal como teorizada por Lacan, de maneira a interrogar os complexos problemas relativos à clínica e à cura que é suposto conduzir.

abstract

This present paper intends to answer the question of what is expected from the psychoanalyst nowadays, considering the psychoanalytical point of view about psychosis. In accordance to Schreber's *Memories...*, it is emphasized here the need to place the paranoia as the central element in the psychoanalyst's process of professional formation. Moreover, this work also aims at reintroducing the issue of the modern man's madness as theorized by Lacan in such a way as to interrogate the complex problems related both to the psychoanlyst's clinic and the cure he is entitled to conduct.